

Editorial

Um editorial pode descrever um estado de coisas organizado, na edição ao qual se atrela. Mas quando o faz, está mais próximo da opinião do espaço público do que do nobre espaço público das batalhas tipográficas pela verdade. Ou seja, um editorial, enquanto espaço mais ou menos anônimo, não é totalmente inocente.

Mas com isso não queremos dizer que o editorial também seja uma região para se interrogar o presente, acerca das nossas perfídias sociais, e deambulante sobre a incapacidade guardada nas reflexões que introduz, de rebater ao mundo. O papel do editorial é sempre poroso demais ou de menos para lamúrias. Mas sim, um editorial – uma vez que consegue se desviar das delícias das ironias sem causa – veicula uma verdade. Senão uma verdade das grandes, uma verdade tipográfica.

No mínimo, o editorial deve falar de modo sincero acerca das escolhas das palavras que resolveu abrigar no número que abre. E tal sinceridade deve ser mantida, ainda quando, ao invés de escolher, seja lá o motivo, for escolhido pelas palavras. A verdade, desse terceiro número, é que o pensamento é uma atividade desenvolvida por necessidade e não por escolha, que é como dizer que não se escolhe a verdade, mas se é escolhido a expressar a sua natureza escorregadia.

Mas por que se tornar disponível a ser escolhido? Por que não fechar as portas ao necessário? O contrário, as portas devem restar sempre fechadas. Ainda que sob vigília. Ora, digamos, a palavra escrita, ocaso, não se justifica senão aos condenados.

Os Editores.